

Dossier

## **Iraque - uma posição comum da União**

Martin Ortega

Apesar do cepticismo europeu relativamente a uma intervenção no Iraque, a gestão da crise demonstra que as relações entre os EUA e a Europa já alcançaram um certo grau de maturidade, e que o Médio Oriente é demasiado importante para que se continue a ignorar a necessidade de encontrar uma solução definitiva.

Nos últimos meses, os governos europeus responderam de formas distintas ao desejo americano de exercer uma acção “preventiva” contra a ameaça iraquiana e de derrubar o regime de Saddam Hussein. Os europeus partilham, no entanto, o cepticismo em relação a esta iniciativa, pois consideram que uma solução militar pode ter consequências negativas inesperadas. A maioria dos europeus acredita que uma acção coerciva não deve ser precipitada e que se deve explorar ao máximo os meios diplomáticos, especialmente as inspecções e a eliminação das armas de destruição maciça iraquianas.

Os europeus são cépticos porque pensam que os EUA desvalorizam as dificuldades de construção do Estado iraquiano pós-Saddam, num contexto regional muito delicado. Os europeus também receiam que a ocupação do Iraque possa levar a uma escalada de actividades terroristas no Ocidente. Nos EUA, algumas vozes afirmam que um Iraque democrático seria o primeiro passo para a criação de uma nova ordem regional no Médio Oriente, enquanto os europeus são cépticos relativamente às possibilidades de “importar”, de um dia para o outro, a democracia para a região, através do uso da força. Qualquer “nova” ordem regional estável, argumentam, deve incluir uma solução durável e justa para o conflito israelo-palestiniano. Finalmente, a maioria dos europeus acredita que a administração internacional do Iraque no pós-guerra terá que lidar não somente com as questões de construção do Estado mas também com a gestão dos recursos. Ainda é uma incógnita se este aspecto da administração externa seria aceite pela população iraquiana. Por outro lado, a baixa dos preços do petróleo levaria, a longo prazo, a um aumento do consumo global e, conseqüentemente, a uma deterioração do meio-ambiente, o que vai contra a declarada política europeia de acção determinada contra o aquecimento global.

Apesar da Resolução 1441 estipular que cabe ao Conselho de Segurança considerar quais as medidas a tomar em resposta a incumprimentos por parte do Iraque, a interpretação da resolução pode ser controversa, podendo conduzir a três diferentes cenários de cooperação transatlântica. O primeiro é um cenário de “contra-proliferação”, em que uma coligação, liderada pelos EUA, ataca e ocupa o Iraque, com o objectivo de eliminar a ameaça das armas de destruição maciça. Num segundo cenário, algumas diferenças entre os aliados geram um intenso debate no Conselho de Segurança e dentro dos Estados europeus que, eventualmente, decidem agir em conjunto para “salvar a aliança”. A terceira possibilidade, menos provável, é o pior cenário, no qual muitos Estados europeus decidem não participar nas operações militares, o que levaria a uma profunda crise, tanto na NATO como na União Europeia.

### ***Deverá a União ter uma política comum para o Iraque?***

A União Europeia deveria ter uma política para o Médio Oriente, por duas razões centrais. Primeiro, os princípios e valores inscritos no Tratado da União Europeia (que, basicamente, coincidem com os valores inscritos nas constituições nacionais) não podem ser defendidos na cena internacional pelos Estados membros, agindo individualmente. Segundo, a opinião pública europeia exige cada vez mais que a União defina uma política externa e de segurança que contribua, de forma efectiva, para uma aplicação mais generalizada desses princípios e valores.

Os europeus devem desenhar uma nova política para o Médio Oriente, que possa ser apresentada aos aliados americanos como uma visão alternativa. Uma visão europeia do Médio Oriente seria uma base útil para discussões francas e profundas com os Estados Unidos sobre esta região. Os europeus, no entanto, não são capazes de definir uma visão inovadora para o Médio Oriente no seu todo, porque os Estados membros preferem manter as suas políticas nacionais. A actual situação tem um impacto negativo na Europa, devido à premente ameaça terrorista, aos riscos associados a uma guerra local e às tensões que esta situação introduz na relação transatlântica. Na era da globalização, os Estados europeus, individualmente considerados, são demasiado pequenos para terem pretensões a ter um impacto em questões internacionais cruciais. Na realidade, a única opção que se lhes apresenta é integrarem as suas vozes numa posição comum.

Como deveria ser uma política europeia para o Médio Oriente? Apesar das dificuldades óbvias, podem adiantar-se algumas linhas orientadoras. O Tratado da União Europeia

criou uma Política Externa e de Segurança Comum (PESC) que se baseia em princípios, e são esses princípios que devem orientar a política externa europeia, em relação a qualquer região ou questão. Este poderá muito bem ser o aspecto central de uma contribuição europeia para o debate sobre o Médio Oriente. Se os europeus estão realmente determinados a produzir uma solução de longo prazo para a instabilidade no Médio Oriente, devem avançar com a ideia de que a paz só pode ser alcançada através da criação de um novo ambiente político na região. Sintetizando, a contribuição europeia pode resumir-se na frase: no Médio Oriente, devemos falar mais de princípios e menos de guerra.

Muitos americanos pensarão que esta proposta é fruto da fraqueza endémica de que sofrem os Estado europeus, e ainda mais a União Europeia, pelo que só nos resta o “apaziguamento” e, no melhor dos casos, a “contenção”. Esta proposta, pelo contrário, é fruto de uma grande experiência histórica em questões internacionais. Os europeus estão a tentar passar uma mensagem: se, por vezes, o uso da força parece ser a melhor solução, a médio prazo pode ser a resposta errada, enquanto a promoção de princípios é mais compensadora a longo prazo. A política europeia para o Médio Oriente deverá ter em consideração alguns aspectos centrais:

- A principal linha política de orientação para a região deverá ser o *rapprochement* e não a confrontação. O processo de paz que se iniciou em Madrid, em 1991, é o modelo para a resolução de disputas antigas e muito profundas. Por outro lado, o processo de Barcelona, ou a Parceria Euro-Mediterrânica, é uma iniciativa interessante que procura superar linhas de fractura históricas. Podemos detectar os erros e aprender as lições da sua curta história, mas ambos os processos demonstram claramente que as velhas dinâmicas de confronto podem ser transformadas.
- A democracia é a terapia mais eficaz contra o terrorismo internacional. A União Europeia deveria aumentar o seu apoio à democratização do Médio Oriente, cujo registo não tem sido propriamente muito satisfatório. Os mais perigosos terroristas são cidadãos com uma boa educação, de países autocráticos.
- A estabilidade e a não-proliferação no Médio Oriente são questões que devem ser tratadas de forma global. Tanto os canais bilaterais como os multilaterais devem

ser usados para exercer pressão internacional de forma a conter a proliferação de armas de destruição maciça na região.

- Se e quando for possível, uma conferência internacional sobre o Médio Oriente deverá definir acordos regionais abrangentes. Os Estados Unidos devem, obviamente, liderar o processo (como em 1991) mas os europeus podem aliviá-los de parte do fardo, devendo existir também um grande envolvimento da ONU e dos actores locais.

Passando dos princípios à prática, observa-se, a nível da União Europeia, um processo de convergência de posições sobre o Iraque. A Alemanha e a França expressaram uma opinião cautelosa no Conselho de Segurança. A presidência grega insiste na inclusão da questão nas discussões do Conselho da União e Javier Solana, Alto Representante para a PESC, começou a fazer declarações sobre o Iraque. Tudo isto quer dizer que se passou do silêncio inicial a uma atitude de crítica prudente. Se todos pensam que o regime de Saddam Hussein deveria abandonar o poder no Iraque, a maioria dos europeus desejam que tal se faça sem necessidade de uma guerra. Com ou sem guerra, a questão do Iraque demonstra duas coisas: que as relações entre os EUA e a Europa alcançaram um certo grau de maturidade, e que a região do Médio Oriente é demasiado importante para se continuar a ignorar que é necessário encontrar uma solução definitiva.